

PORTO

PROJECTO VALORIZAÇÃO
DO ESPAÇO E DO COMÉRCIO TRADICIONAL
ATRAVÉS DA MEMÓRIA

HISTÓRIA DE VIDA DE
MOISÉS LUÍZ DA ROCHA PAIVA

Registada em 9/10/2009 por
SUSANA PIRES E MARLENE ANDRADE

FICHA TÉCNICA

Editor:

TRENMO Engenharia S.A.
Sítios e Memórias

Fotografia:

Armando Afonso

Coordenação:

Jenny Campos
Liliana Monteiro

Revisão:

Jenny Campos
Liliana Monteiro

Editores:

Ana Cruz
Cláudia Simões
Jenny Campos
Joana Ribeiro
Liliana Monteiro
Marlene Andrade
Susana Pires

- 05 Mini Biografia
- 05 Ascendência: *"A minha mãe chamava-se Conceição e o meu pai David"*
No tempo da guerra e do racionamento
- 06 Educação: *"Andei na escola só até ao segundo grau"*
- 06 Casamento: *"Sou casado"*
"Saiu-me o segundo prémio na lotaria nacional"
- 07 Descendência: *"Tivemos três filhas"*
- 07 Percurso profissional: *"Vim trabalhar para o Porto com a idade de 11 anos"*
"Éramos rapazes simples, filhos de gente pobre"
"Foi uma escola"
"Estabelecemo-nos eu e um colega meu e viemos para Mouzinho da Silveira"
- 08 Lugar: *"Agora andar aí na cidade à noite é muito perigoso"*
"Fechou tudo ou quase tudo"
- 09 Rua: *"O movimento era muito maior"*
"Actualmente o movimento é menor"
- 11 Animação: *"Seria uma ideia óptima desde que fosse para captar clientela"*
- 11 Loja: Casa Mouzinho
"A nossa estratégia são as montras e a maneira de atender o cliente"
"A relação com os meus sócios, posso dizer que era boa"
O sócio Moura
O sócio Pereira
"Se houvesse uma passagem boa eu não me importava de abandonar o serviço"
"Para continuar com esta actividade tinha que estar dentro do assunto"
"O futuro aqui da loja só se for artesanato"
- 14 Produtos: *"Temos de todas as bandeiras do mundo"*
A que mais gosto é a bandeira da república
- 16 Clientes: *"A relação com os clientes é boa, angariámos muitos amigos"*
Um episódio curioso
- 17 Avaliação: *"Boa ideia"*

MOISÉS LUÍZ DA ROCHA PAIVA



Moisés Paiva (Porto, 2009) - Fotografia: Armando Afonso

Mini Biografia

Moisés Luíz da Rocha Paiva nasceu a 7 de Fevereiro de 1934, em Vila Nova de Gaia.

Dois anos depois de ter começado a namorar ganhou o segundo prémio da lotaria. O dinheiro *"deu para comprar duas mobílias, em segunda mão, uma de sala de jantar e uma de quarto"*, que usaram durante os primeiros anos de casados.

Para tentar melhorar de vida decidiu abrir, juntamente com o sócio Moura e o sócio Pereira, a Casa Mouzinho, onde vende bandeiras e emblemas.

Ascendência

"A minha mãe chamava-se Conceição e o meu pai David"

A minha mãe chamava-se Conceição e o meu pai David. Ela era doméstica e o meu pai era sapateiro, eram naturais de Vila Nova de Gaia e já morreram há muitos anos, eu já não sou novo. Tive mais quatro irmãos, os meus irmãos que já não são vivos, também chegaram a ser empregados no Porto. O mais velho, que se fosse vivo já tinha mais de 80 anos, era empregado em solas e cabedais na Rua Chã, era um bom conhecedor desse artigo, aqueles artigos para calçado. O outro foi empregado na firma Barros Almeida, que hoje faz parte dos vinhos Kopke, esteve lá muitos anos, foi reformado por lá, mas também já morreu há uns anos.

No tempo da guerra e do racionamento

Houve um período aqui do tempo da guerra, da altura de racionamento, que as pessoas tinham uma senha para comprar os géneros alimentícios e o pão chegou a faltar, ia-se para a bicha para comprar pão de madrugada. Eu tinha duas irmãs, cheguei a vir com elas de madrugada para a Rua do Rosário, havia ali uma padaria que fabricava broa amarela, então tínhamos de ir de madrugada para ir para a bicha para apanhar algum pão, coisas muito difíceis.

Era terrível, era muito difícil.

A minha mãe era costureira e fazia serviço para certas clientes, em casa dos clientes, para ganhar algum, que o meu pai tinha dificuldades também. Eu saía da primária e chegava a casa para ir brincar para a bouça, para jogar à bola e a minha mãe deixava-me o lanche. Havia na cozinha antiga, pequenina, um fogão a lenha e tinha uma fornalha, ela deixava-me ficar lá uma malga de esmalte com sopa, que era o meu lanche na altura do racionamento. Eu sabendo que a minha mãe em cima de um prateleiro tinha lá a broa, cortava um bocadinho para que ela não desse fé, não servia de lanche porque havia pouco, mas dava para ir a correr jogar à bola.

Educação

"Andei na escola só até ao segundo grau"

Andei na escola só até ao segundo grau, antiga quarta classe. Naquela altura vinha-se logo trabalhar para o Porto, para ganhar algum. A vida era difícil. Andei na escola primária na freguesia de Santa Marinha, Vila Nova de Gaia.

Casamento

"Sou casado"

Eu sou casado, a minha esposa foi empregada de escritório na firma UTIC, isto já há muitos anos, actualmente está aposentada. Nunca trabalhou comigo aqui.

"Saiu-me o segundo prémio na lotaria nacional"

Um facto curioso é que namorámos quatro anos e dois anos antes de casarmos, saiu-me o segundo prémio na lotaria nacional. O segundo prémio, naquela altura, representava 10 mil escudos e mais a terminação do primeiro prémio, 10 mil e 10 escudos. A minha mulher morava na zona da Batalha, o pai tinha uma alfaiataria onde era o Cinema Águia de Ouro, mais adiante ao entrar em Santo Ildefonso. Tinha lá uma placa, António Ferreira, Alfaiate, era o meu sogro. Então ela estava empregada e na hora de almoço ia a casa, ao saber que me tinha saído o prémio, fui na hora do almoço ter com ela.

- Olha que é isto assim.

- "Estás a brincar."

- É verdade, olha vai-nos ajudar para as nossas coisas.

Bem e assim foi, deu para comprar duas mobílias em segunda mão, uma de sala de jantar e uma de quarto, que muitos anos mais tarde, ainda foi dar para outras pessoas, nossos familiares. Assim foi, montámos a nossa casa, pagávamos nessa altura 350 escudos de aluguer e passado um ano e tal nasceu a primeira filha, depois veio a segunda, passados uns meses fomos para uma casa nova, que é a que habitamos hoje e é nossa. Foi preciso depois naquela altura, novo impulso para montar a casa, com outras mobílias, outras coisas e assim conseguimos, pagando a prestações, havia a modalidade de pagar em letras, arranjámos pessoas amigas e que confiaram em nós e assim fomos montando a casa. Claro que com aquele sacrifício de economias para não faltar nada às filhas, foi sempre uma vida de luta, porque não éramos ninguém, tivemos que fazer sacrifícios e pedir ajuda, mas depois a vida foi correndo, educámos as filhas, tivemos sorte de

todas terem aproveitado, hoje são felizes e arranjam bons maridos também formados.

Descendência

"Tivemos três filhas"

Tivemos três filhas, actualmente independentes e todas formadas, seguem a vida delas razoavelmente bem e nenhuma delas trabalhou cá na loja.

Elas apoiam e admiram o pai por ainda estar em actividade e procurar fazer alguma coisa, ser útil. Não é que elas estejam à espera disto, isto agora é para dar para as despesas, é para ir vivendo. Claro que não é por necessidade, felizmente, mas temos as nossas despesas e vamos fazendo face a elas, é para isso que se vive agora.

Percurso profissional

"Vim trabalhar para o Porto com a idade de 11 anos"

Vim trabalhar para o Porto com a idade de 11 anos, para a Rua de S. João, número 18, na firma Sousa e Martins Lda. Era uma loja de malhas, miudezas e bandeiras. Trabalhei lá 16 anos como empregado de balcão. Naquela altura quem viesse trabalhar era para o Porto, em Gaia pouco ou nada havia, aquilo era uma aldeola.

"Éramos rapazes simples, filhos de gente pobre"

Eu sou do Candal, portanto do outro lado da Ponte da Arrábida e vínhamos e íamos a pé, no tempo do pé descalço, quando éramos rapazinhos. Naquela altura, vínhamos trabalhar para o Porto e havia mulheres que à hora do almoço traziam, nós dizíamos os lanches, que eram os almoços em baús. Havia uns tabuleiros grandes, onde punham diversos baús e elas traziam aqueles almoços para quem trabalhava no Porto. Ganhavam "x" por cada um, naquela altura era assim.

Então vínhamos de manhã a pé e os recursos eram poucos, porque éramos rapazes simples, filhos de gente pobre. Eu lembra-me que usava, naquela altura um calçado que era todo em borracha, em bloco, que era um género de sapatilha.

Nós, na hora de almoço, entretiamo-nos na Ribeira, ou em Gaia a jogar à bola ou a qualquer coisa. Uma ocasião vínhamos na ponte de baixo e como o movimento era muito pouco, vínhamos a chutar não sei se era uma casca de laranja, se era uma bola e eu dei um chuto e um sapato desses foi-me ao rio. Depois entrei ao pé coxinho lá no sítio onde trabalhava, sem um sapato.

Eu naquela altura, sapatos só tinha um par. Uma ocasião fiquei em casa, porque não tinha sapatos para trazer porque foram para arranjar, eu teria para aí 13/14 anos.

"Foi uma escola"

Foi uma escola, onde eu estive a trabalhar. Aprendemos muito em rapazes naquela altura, varria a loja, punha as amostras, as roupas e os cobertores à porta. Eles tinham armazéns de azeitona em baixo, à parte de trás na Rua dos Mercadores, e vendiam muita azeitona. Nós durante o dia íamos para os armazéns, pesávamos a azeitona, ajudávamos a lavar os tanques, tinham muitas pipas onde tinham a azeitona, a gente tratava daquilo tudo. Íamos levar às mercearias azeitonas em seiras, 5 quilos em cada lado. Andávamos com uns frascos com amostras de azeitonas a percorrer a cidade e não só, a ver se vendíamos azeitona. Tempos difíceis, mas claro foi uma escola também, que aprendi muita coisa, ainda hoje posso dizer que sei um pouco de tudo, electricidade, de carpinteiro. Foi útil durante a vida porque aprendi essas coisas, embora não fosse um artista, mas qualquer coisa de momento eu soube sempre resolver.

"Estabelecemo-nos eu e um colega meu e viemos para Mouzinho da Silveira"

Depois estabelecemo-nos eu e um colega meu e viemos para a Rua Mouzinho da Silveira e aqui estamos há 49 anos. Eu ganhava, falando em escudos, na altura em que casei, 1600 escudos e a minha mulher 1100 escudos. Chegava para pagar a casa e ter as nossas coisas.



Cartão da Associação de Comerciantes do Porto com data de 01-09-1979



Lugar

"Agora andar aí na cidade à noite é muito perigoso"

Esta é uma zona que morreu, porque aqui há pouca gente a morar. Há aquela passagem de vir ao Porto, mas as noites são um pavor. Eu sou da altura em que se vinha à noite ao cinema, vinha

mais a mulher, em qualquer altura e não havia perigo, a pessoa andava à vontade. Os cinemas agora fecharam, agora há os centros comerciais, têm boas salas de cinema e têm segurança. Agora andar aí na cidade à noite é muito perigoso.

Para dar mais movimento, deviam conseguir repovoar isto novamente, eles estão a recuperar as casas, mas lentamente. Vamos a ver, isto vai demorar uns anos largos até conseguirem. A pessoa que saia daqui e pague uma renda barata, que seja realojada, quando for para voltar não vem pagar a mesma renda. Além disso os prédios aqui não têm garagem, as pessoas se tiverem um carro, têm que o deixar ficar na rua, não têm condições, isso conta muito.

"Fechou tudo ou quase tudo"

Aqui nesta Rua de S. João, era quase tudo armazéns de mercearia, armazenistas e hoje não há quase nenhuns. Aqui na Rua Mouzinho da Silveira também havia alguns e havia na Rua das Flores muitas casas de malhas e miudezas. Em Mouzinho também havia algumas, fechou tudo ou quase tudo, há uma, duas ou três. Depois há uns anos começaram a aparecer os chineses e indianos, mas o negócio mesmo para eles já não deve estar como estava, de certeza, já não devem vender aquilo que vendiam. A Rua do Loureiro, em tempos era um mundo de lojas de electrodomésticos. Era preciso estar na porta à espera para entrar, era assim naquela altura, porta sim, porta não, havia casas dessas. Electrodomésticos e oculistas era o forte, agora a coisa também está muito mal. Os Clérigos já não são o que eram no negócio, a Rua 31 de Janeiro a mesma coisa, em Santa Catarina ainda há muito movimento, mas de certeza que já não é o que era. Depois há o Via Catarina e outras coisas mais, para onde as pessoas vão às centenas, para não dizer, milhares. Vão para os centros comerciais porque ali querem comprar um alfinete compram, querem comprar um automóvel compram, querem ir ao cinema, querem tomar qualquer coisa, querem passear, podem fazer qualquer coisa. É um atractivo e têm onde pôr a viatura com facilidade, é a desvantagem que o comércio tradicional tem. Assim como o tempo, se chove ou está mau tempo já é mais difícil, ou se está muito sol também, porque as pessoas vão para a praia, deslocam-se para outras actividades de Verão.

Rua

"O movimento era muito maior"

O movimento era muito maior, aqui na zona estavam inseridos os grandes armazéns de mercearia, mais os estabelecimentos de despachantes, o movimento alfandegário estava mais ligado aqui a esta parte baixa. O movimento era de muitas mercadorias que acostavam ali ao Rio Douro,



Fachada da Casa Mouzinho (Porto, 2009) - Fotografia: Armando Afonso

vinham de cima do Douro pelo rio. Até havia transportes de lanchas de Avintes cá para baixo. Vinha pelo rio abaixo a maior parte das mercadorias, desde víveres, azeitona, tudo ligado à agricultura. Acostavam numas escadas que haviam lá em baixo, as Escadas das Padeiras na Ribeira e lá em baixo na Praça da Ribeira havia grande movimento de carroças, carros de bois, transportavam mercadorias para todo o lado, era uma coisa só vista. Tudo isso me lembra dos tempos de rapaz. Agora claro é turismo, é novidade ver as coisas antigas, é muito diferente.

"Actualmente o movimento é menor"

Actualmente o movimento é menor, passa muita gente quando é o tempo de turismo, aquela gente que vai para a Ribeira, vem e volta, de vez em quando lá vêm e compram uma bandeira. Mas agora o comércio ao balcão de virem comprar outras coisas é muito difícil, é raro comprarem. Isto acontece porque mora muito menos gente na cidade, é muito diferente.

Além disso foram-se criando outros pontos que dispersaram mais a clientela, com as novas superfícies, o comércio foi-se espalhando. Antigamente desses concelhos limítrofes vinha toda a gente aqui para o Porto, de Gondomar, Maia, Vila Nova de Gaia. Agora não, essas cidades têm

tão bons, ou melhores estabelecimentos. Portanto as pessoas já evitam de vir ao Porto para fazer as suas compras, agora limitamo-nos mais a esta gente daqui ou gente de passagem.

Animação

"Seria uma ideia óptima desde que fosse para captar clientela"

Animação e actividades na rua acho que seria uma ideia óptima desde que fosse para captar clientela. Obrigar o cliente a estar mais por aqui, a passar mais por aqui e ter mais atractivo para comprar.

Loja

Casa Mouzinho

O nome da firma é Moura, Pereira e Paiva Lda. e tem como nome comercial Casa Mouzinho. Fica na Rua Mouzinho da Silveira, 118, 4050 Porto.

Decidi abrir esta firma para melhorar a vida, procurar singrar e ser independente. Vim para aqui com mais dois sócios que actualmente já não são vivos, eram mais velhos do que eu. O último que morreu, era meu colega na outra loja, embora tivesse mais oito anos do que eu. O outro senhor era de uma outra firma e tinha outras coisas. Como era um homem que nós conhecíamos, um dia pedimos-lhe ajuda para vir como sócio capitalista, porque nós não tínhamos recursos para nos estabelecermos. Foi assim que principiámos.

Vimos para esta rua porque foi o que apareceu naquele momento, a casa estava devoluta e tomámo-la de aluguer. Esta loja era um armazém de mercearia antigamente, nem chegámos a conhecer, quando viemos para aqui já estava devoluta. O nome da loja deve-se exactamente ao nome da rua.

Esta loja sempre esteve ligada ao ramo das malhas e miudezas. Em tempos tivemos uma sapataria no número 168, que foi encerrada há volta de dez anos, mais ou menos, porque o prédio estava em ruína e a Câmara comprou-o, mas ainda está por arranjar. Assim deixámos a sapataria, também não era um negócio muito rentável e actualmente os negócios estão com quebras substanciais. Antigamente havia movimento nas partes mais importantes do ano, nos Natais, nas Páscoas, ainda se dizia:

- A senhora faz favor, espera um bocadinho.

Porque apareciam três, quatro clientes ao mesmo tempo. Agora é muito diferente, actualmente

é mais parado, muito mais parado, trabalha-se menos de metade do que se trabalhava, muito menos. Coisas que acontecem no negócio.



Comemoração dos 25 anos da Casa Mouzinho

"A nossa estratégia são as montras e a maneira de atender o cliente"

A nossa estratégia são as montras e a maneira de se atender o cliente de maneira agradável e procurar resolver todos os assuntos. Houve uma altura que, quando nós podíamos fazer qualquer redução, não deixávamos ir o cliente embora sem a redução. Agora os preços são mais fixos, o preço marcado é o que se faz.

Chegámos a ter oito empregados, mas agora só tenho uma empregada, os sócios foram falecendo, a idade foi avançando e agora já não arrisco muito, não devo arriscar.

"A relação com os meus sócios, posso dizer que era boa"

A relação com os meus sócios, posso dizer que era boa. Abrimos a casa a 21 de Dezembro de 1961. Portanto, próximo do Natal, logo ali na entrada, felizmente foi um movimento grande, ficamos satisfeitos. Depois a relação foi sempre boa com os sócios. Havia um sócio, como sócio capitalista que era o Moura, o Pereira e eu é que trabalhámos, é que éramos os sócios trabalhadores.

O sócio Moura

Passados uns anos vinha aqui um enfermeiro dar umas massagens a esse sócio, o Moura, numa mesa que aqui temos. Ele punha um cobertor, tipo serra, em cima duma mesa, que naquela altura vendíamos cobertores e tudo. Ele era muito forte e o enfermeiro que era amigo dele dava-lhe aqui as massagens.

Passado algum tempo, ao dar-lhe as massagens deu-lhe um ataque. Foi depois para a Ordem da

Trindade e durou quatro dias. Isto já lá vão muitos anos, foi para aí há 40 anos. Depois ficámos com os herdeiros e a viúva vinha cá de vez em quando. Até que, mais tarde, passado uns anos, apresentaram-nos a proposta a ver se nós queríamos ficar sozinhos. Entendemo-nos e ficámos, assentámos uma verba e pagámos conforme pudemos e ficámos só os dois com 50% cada um, que naquela altura era 50% do sócio capitalista e 25% cada um de nós, mas depois passou a ser 50/50.

O sócio Pereira

O outro sócio, Pereira, que era mais velho do que eu oito anos, tinha problemas de coração e há quatro anos, no mês de Junho, chegou aqui de manhã cedo, estava eu já lá em cima a ler o jornal e foi ao quarto-de-banho. Depois ouvi um ruído, deu-lhe um ataque e foi quase morto também para o hospital, também durou poucos dias. Também foi aqui na casa que praticamente morreu. Mas sempre nos demos bem, nunca houve litígios.

"Se houvesse uma passagem boa eu não me importava de abandonar o serviço"

Agora estou sozinho mas a firma ainda está como estava, enquanto a viúva for viva, os herdeiros não querem mexer nisto. Um dia depois se verá, também já não sou criança, um dia que tenha de fechar, fecho. Isto é assim mesmo. Esta casa chegou a valer muito dinheiro como passagem, agora ninguém quer, é difícil. Se houvesse uma passagem boa eu não me importava de abandonar o serviço, mas em certa medida também me serve para distração, para eu estar em actividade. Há dez anos que estou aposentado, se deixasse de fazer alguma coisa, não sei se ainda seria vivo, vou-me entretendo. Gostei sempre daquilo que faço. Gostei sempre, até porque não há uma concorrência assim grande, embora haja mais gente, não só no Porto, mas noutros lados. Mas não é aquela concorrência que há noutros ramos.

"Para continuar com esta actividade tinha que estar dentro do assunto"

Se aparecesse alguém que quisesse continuar com esta actividade tinha que estar dentro do assunto, ou então que viesse de outro lado que já conhecesse o ramo, porque é muito difícil qualquer pessoa vir para aqui sem aprender. É preciso saber como é que se deve fazer as coisas, além dos desenhos, moldes, aproveitamento dos tecidos é preciso saber como é que se faz. Não é para qualquer um, mas não tem aparecido ninguém, mas também para isso tinha de vir para aqui como empregado primeiro, só assim. Mas não, a minha previsão é que dependendo da minha saúde, isto mais cedo ou mais tarde acaba, só se aparecer alguém que queira tomar isto de passagem e continue. Eu não me importo de colaborar e de ajudar quem viesse para aqui.

Eu colaborava, se tivesse interesse nisso e a pessoa pagasse pela toma.

A minha funcionária não está preparada para isso, não é que não perceba alguma coisa, mas não foi preparada para isso, não tem continuidade. A minha filha mais nova que está ligada às Belas-Artes, é ourives e cinzeladora e está ligada ao desenho, vai-se defendendo, mas se ela seguisse este negócio era diferente, tinha que vir para aqui aprender, é preciso saber cortar a bandeira, ter as medidas, moldes, é preciso estar muito dentro do assunto, só com muitos anos.

"O futuro aqui da loja só se for artesanato"

Da maneira que isto vai, o futuro aqui da loja só se for artesanato. Abriu uma loja de artesanato aqui mais acima, não vai há muito tempo, ali chegou a ser uma casa de candeeiros, já teve diversos ramos, mas nenhuma singrou. Agora o artesanato talvez dê por causa do turismo, porque para a loja continuar no nosso ramo é como já disse, só alguém que esteja dentro do assunto, outra coisa só se for artesanato. Não vai há muito tempo abriu ali uma loja de viagens em frente, há poucos meses, e passado pouco tempo fechou, não faziam nada, esta zona é muito ingrata, é muito ingrata mesmo.

Produtos

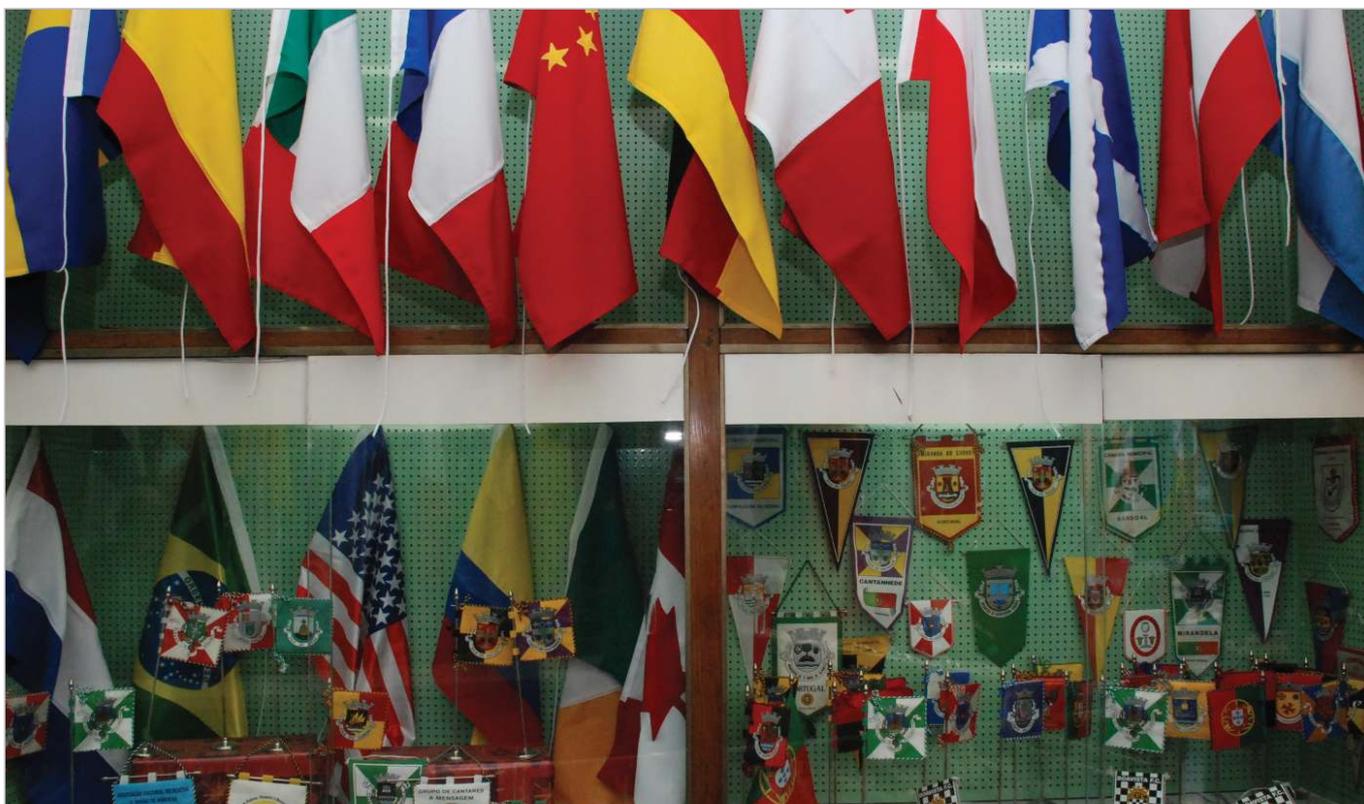
"Temos de todas as bandeiras do mundo"

Esta loja baseia-se nas bandeiras só, como casa antiga e com condições para apresentar bandeiras legítimas. Não é como essas bandeiras que apareceram aí, que os castelos pareciam tendas. Vinham aos milhares lá de fora e aquilo nem tinha qualidade, vendiam-se por 2 ou 3 euros, quando uma que se vendesse daqui a mais barata custava 7 euros e meio, representando a mesma coisa, mas era muito diferente. Até porque essas casas que se metem nessa coisa de bandeiras, limitam-se a bandeiras portuguesas e da CEE mas não têm condições. Nós aqui temos desenhos para tudo, temos de todas as bandeiras do mundo.

Nós aqui temos desenhos próprios e daqui tiramos aquilo que queremos.

Temos aí os desenhos nas gavetas, todos registados e numerados. Assim como aquelas que se fazem de empresas individuais, claro que melhor seria no momento actual ter tudo no computador, mas já não estou em idade disso. Se algum dos meus filhos quisesse seguir isso, era diferente, eles depois é que podiam actualizar isto, agora eu não estou disposto a isso.

Vendemos mais algumas bandeiras quando foi o europeu de futebol cá no país, vendemos aquelas bandeiras de nações, movimentou um bocadinho, depois voltou tudo à normalidade. Só quando há assim algum evento importante é que a coisa poderá mexer mais um bocadinho.



Produtos da Casa Mouzinho (Porto, 2009) - Fotografia: Armando Afonso

Sempre se procurou melhorar, na questão de ter sortido, mas não podemos sair disto, que as bandeiras resumem-se a isto. Vendemos bandeiras principalmente nacionais, a nível da Europa e de grande parte do mundo, ou então bandeiras feitas por encomenda, fazemos na altura. Quando é preciso fazemos um desenho e executa-se. Quanto às outras bandeiras nacionais isso tem de haver em *stock*, ou uma ou outra de nações que é raro vender-se, faz-se naquela altura. Manda-se fazer na estampa.

A que mais gosto é a bandeira da República

Gosto de todas as bandeiras, mas a que mais se vende é a nacional. Agora nos últimos tempos, tem saído a bandeira monárquica. Os monárquicos estão aparecer mais em força não sei qual o motivo. Dizem aqueles mais fervorosos que aquela é que é a bandeira portuguesa porque o nosso escudo foi retirado da bandeira monárquica, as quinas foram tiradas dali. Eles dizem que aquela é que é a bandeira portuguesa legítima e nós, claro, concordamos porque o nosso objectivo é cativar o cliente e não contrariar. Comercialmente, é assim.

Gosto mais da nacional, a bandeira da República. A bandeira da cidade do Porto também não

se vende mal, agora as outras vão saindo, conforme vão pedindo. A que se vende mais é de 1,35m por 90 cm, anda à volta de 20 euros.

Antigamente as bandeiras, mesmo portuguesas não eram estampadas, eram mais cosidas porque a estamparia não estava desenvolvida. Naquela altura com a mão-de-obra não ficava barata. Agora na estamparia há máquinas para tudo, impressão digital, serigrafia. O cliente quer uma bandeira estampada, custa "x", suponhamos que uma bandeira só custa 75 euros, se fizer duas já custa 50 euros e por aí fora se fizer mais. Até costumo dizer por graça ao cliente:

- Olhe se levar 1000 não paga nada.

Como vai diminuindo, serve para risota e para conversar com o cliente.

Clientes

"A relação com os clientes é boa, angariámos muitos amigos"

Aqui no Porto ficou só a parte mais velha da população, que foi desaparecendo e foram-se perdendo os clientes, porque a nossa casa, não era casa de vestuário para juventude, era para meia idade e daí para cima. Alguns foram desaparecendo, os hábitos foram-se mudando, abriram-se novas superfícies e agora é muito diferente. Estamos mais dedicados às bandeiras, ao resto já pouco ligamos. A relação com os clientes é boa, sempre boa, angariámos muitos amigos, grande parte deles também já desapareceram. É a lei da vida.

Os nossos principais clientes são firmas, Associações Desportivas e Recreativas, Bombeiros, Câmaras, essas entidades todas, que vendemos contra orçamento. Excepto aqueles que vêm comprar directamente que vêm em exposição e compram. Uma vez que estamos na internet, as pessoas telefonam a pedir orçamento. Ou telefonam, ou pedem por outra via, nós respondemos e depois faz-se a encomenda, porque o negócio ao balcão só se for gente de passagem. Fornecemos certas firmas, certas empresas que querem ter as suas bandeiras, bandeiras próprias das firmas e bandeiras de países.

Sempre gostei do comércio, isto é uma escola, contacta-se com muita gente, de todos os níveis, desde a mais humilde, a gente com muita capacidade e temos encontrado mais gente boa do que falsa, felizmente.

Um episódio curioso

Posso-me lembrar de uma coisa pouco significativa, na questão do tu lá, tu cá, aquela facilidade de atender o cliente. Uma ocasião um cliente chegou aqui, comprou uma saia azul marinha, mandou guardar. No dia seguinte, apareceu outro cavalheiro, que comprou uma calça também

azul marinha e pediu para lhe pôr mais curta. Passado dias vieram buscar a mercadoria, houve troca, o que era da saia levou a calça e vice-versa. Foi um episódio curioso que não teve importância de maior. Mas há coisas que não me vêm a memória e foram sempre acontecendo durante a vida.

Avaliação

"Boa ideia"

Acho que é boa ideia, porque não falando só no nosso caso, podem dar oportunidade a outros de angariar algo aqui para zona. É esse o objectivo com certeza, com que estão a lançar isso e nós pela nossa parte, dentro do que podemos estamos a colaborar. É a minha ideia.

